

Antes

que

o café

es final

Se fosse possível
viajar no tempo,
quem você gostaria
de encontrar?

TOSHIKAZU KAWAGUCHI

MAIS DE
1 MILHÃO
DE EXEMPLARES
VENDIDOS NO
JAPÃO!

valentina 

• Antes que o Café esfrie

TOSHIKAZU KAWAGUCHI



Antes que o café esfrie.

Tradução (do inglês)

Priscila Catão

valentina

Rua do Janelão, 2022
11.ª Edição

Copyright © 2015 by Toshikazu Kawaguchi.
Publicado originalmente no Japão por Sunmark Publishing, Inc., Tóquio.

TÍTULO ORIGINAL
Before the coffee gets cold

CAPA
Raul Fernandes

FOTO DO AUTOR
Nobuyuki Kagamida

DIAGRAMAÇÃO
Kátia Regina Silva | *editoriarte*

E-BOOK
Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
CIBELE MARIA DIAS - BIBLIOTECÁRIA - CRB-8/9427

K32a

Kawaguchi, Toshikazu

Antes que o café esfrie [livro eletrônico] / Toshikazu Kawaguchi; tradução (do inglês) Priscila Catão. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Editora Valentina, 2022.
recurso digital

Título original: Before the coffee gets cold

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-88490-39-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção japonesa. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

22-
107298

CDD-895.636

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

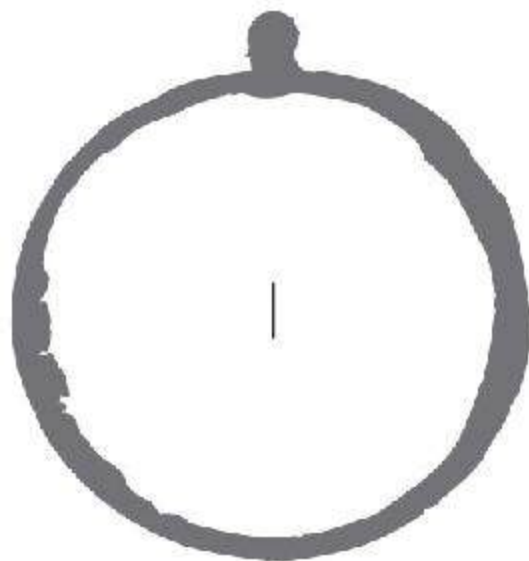
EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012

Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

SUMÁRIO

- I. OS NAMORADOS
- II. MARIDO E MULHER
- III. AS IRMÃS
- IV. MÃE E FILHA

**SE FOSSE POSSÍVEL VIAJAR NO TEMPO,
QUEM VOCE GOSTARIA DE ENCONTRAR?**



OS NAMORADOS

– Nossa, já está tão tarde assim? Sinto muito, mas preciso ir embora – murmurou o homem, evasivo, enquanto se levantava e estendia o braço para pegar sua bolsa.

– É sério? – questionou a mulher.

Confusa, lançou-lhe um olhar furioso. Não o escutara dizer que estava tudo acabado. É que ligara para ela – sua namorada havia dois anos – dizendo que queria ter uma *conversa séria*... mas agora estava anunciando, de repente, que ia trabalhar nos Estados Unidos. E partiria de imediato – em algumas horas. Mesmo sem ter escutado as palavras, neste momento ela entendeu que a *conversa séria* era para terminar o namoro. Agora ela sabia que tinha sido um erro pensar – esperar – que a *conversa séria* fosse incluir um “quer casar comigo?”, por exemplo.

– É sério o quê? – indagou o homem secamente, sem fazer contato visual com ela.

– Não mereço uma explicação? – perguntou ela.

A mulher falou com um tom inquisitivo que o homem achava particularmente desagradável. Eles estavam num café subterrâneo, sem janelas. A iluminação era composta apenas de seis luminárias com cúpula, penduradas no teto, e de uma única arandela perto da entrada. Um tom sépia tingia por completo o interior do café. A não ser que você tivesse horas, não havia como saber se era dia ou noite.

O café possuía três relógios de parede grandes e antigos. Os ponteiros de cada um, no entanto, mostravam horas diferentes. Era proposital? Ou estavam apenas quebrados? Os clientes novos nunca entendiam por que ficavam assim. A única opção que tinham era conferir os próprios relógios de pulso. Foi o que o homem fez. Enquanto checava as horas, começou a esfregar a sobancelha direita, ao passo que o lábio inferior se projetava levemente.

A mulher achava essa expressão particularmente irritante.

– Está com essa cara por quê? Como se eu é que estivesse sendo desagradável – reagiu ela de forma brusca.

– Não foi minha intenção – respondeu, sem jeito.

– Foi, sim! – insistiu ela.

Com o lábio inferior se projetando mais uma vez, ele fugiu do olhar dela e não retrucou.

O comportamento blasé do homem enfurecia a mulher cada vez mais. Ela franziu a testa.

– Vai mesmo querer que eu diga?

Ela estendeu a mão para pegar o café, cujo calor já tinha se dissipado. Tendo perdido a parte mais saborosa da experiência, seu humor despencou ainda mais.

O homem checou o relógio de novo e calculou quanto tempo tinha antes do embarque. Precisaria sair do café muito em breve. Sem conseguir se recompor a contento, seus dedos terminaram voltando para a sobancelha.

Vê-lo tão obviamente preocupado com a hora a irritava. Ela largou a xícara de qualquer jeito na mesa, batendo-a com força no pires. *Plaft!*

O barulho alto o sobressaltou. Os dedos, que estavam ocupados acariciando a sobancelha direita, começaram a puxar o cabelo. Mas então, após respirar fundo, voltou a se sentar e a encarar. De repente, a expressão facial dele parecia ter retornado à calma.

Na verdade, a mudança no rosto do homem fora tão nítida que a mulher ficou um tanto surpresa. Ela olhou para baixo, encarando as próprias mãos, unidas no colo.

O homem, preocupado com a hora, não esperou que ela olhasse para cima.

– Escute, veja só... – começou.

Ele não estava mais murmurando; parecia tranquilo e equilibrado.

Mas, como se tentasse impedir as próximas palavras dele, ela perguntou, ainda de cabeça baixa:

– Por que não vai embora de uma vez?

A mulher, que antes queria uma explicação, agora já não queria mais saber de escutá-la. O homem ficou sentado sem se mexer, como se o tempo tivesse parado.

– Não está na hora de você ir? – falou, com a petulância de uma adolescente.

Perplexo, ele a encarou. Parecia não estar entendendo o que ela queria dizer.

Como se tivesse percebido o quanto estava soando infantil e irritante, ela desviou o olhar, constrangida, e mordeu o lábio. Ele voltou a se levantar da cadeira e falou com a garçonete atrás do balcão.

– Com licença... traz a continha por favor – pediu em voz baixa.

O homem tentou pegar a conta, mas a mão da mulher a pressionou contra a mesa.

“Pode deixar, vou ficar mais um tempinho aqui... *eu pago.*”

Era o que ela queria ter dito, mas ele puxara a conta de baixo da mão dela com facilidade e estava se dirigindo ao caixa.

– Pode passar tudo, obrigado.

– Ei, deixa que eu pago.

Sem se levantar da cadeira, a mulher estendeu a mão para o homem.

Mas ele se recusou a olhá-la. Tirou uma nota de mil ienes da carteira.

– E pode ficar com o troco – disse ele enquanto entregava a nota com a conta.

Por uma fração de segundo, o homem virou o rosto tomado pela tristeza para a mulher enquanto pegava a bolsa e ia embora.

DING-DONG

– ... e hoje já faz uma semana que isso aconteceu – contou Fumiko Kiyokawa.

O tronco tombou sobre a mesa como um balão murchando. Enquanto desabava, de alguma maneira ela conseguiu não derramar a xícara de café a sua frente.

A garçonete e a cliente sentada ao balcão, que ouviam a história de Fumiko, entreolharam-se.

Antes de concluir o ensino médio, Fumiko já dominava seis idiomas. Após se formar como a melhor aluna da turma na Universidade Waseda, começou a trabalhar em Tóquio, numa importante empresa de TI para a área médica. Logo em seu segundo ano de empresa, já comandava diversos projetos. Era o epítome da mulher moderna, inteligente e focada na carreira.

Hoje, vestia uma roupa social comum: blusa branca, saia preta e blazer. A julgar pelo visual, estava voltando para casa depois do trabalho.

A aparência de Fumiko era fora do comum. Abençoada com feições bem definidas e lábios delicados, tinha o rosto de um ídolo pop. O cabelo, de comprimento médio, brilhava e a coroava com uma auréola reluzente. Apesar das roupas conservadoras, era fácil distinguir sua admirável silhueta. Como uma modelo de revista de moda, ela era uma mulher bonita que atrairia qualquer olhar. Sim, uma mulher que combinava inteligência e beleza. Agora, se tinha noção disso... já era outra história.

Antigamente, Fumiko não costumava ligar para esse tipo de coisa – vivia apenas para o trabalho. É claro que isso não significava que ela nunca namorava. É que os namoros não a atraíam tanto quanto o trabalho. “Meu namorado é o meu trabalho”, dizia ela. Recusava as investidas como se estivesse dando petelecos em partículas de poeira.

O homem de quem ela estava falando era Goro Katada. Goro era engenheiro de sistemas e, assim como Fumiko, trabalhava numa empresa de saúde, mas não muito importante. Ele era namorado dela – ele *era* namorado dela –, e três anos mais jovem. Tinham se conhecido dois anos antes por intermédio de um cliente para o qual ambos fizeram um projeto.

Uma semana atrás, Goro dissera para Fumiko que queria encontrá-la para ter uma “conversa séria”. Ela chegara ao ponto de encontro usando um

elegante vestido rosa-claro, uma jaqueta bege meia-estação e escafpins brancos, tendo chamado a atenção de todos os homens pelos quais passara no caminho. Era um novo visual para Fumiko. Sempre fora tão *workaholic* que, antes do relacionamento com Goro, tudo o que tinha no armário eram terninhos. Ela também usara terninhos nos seus encontros com Goro – afinal, costumavam se ver mais após o trabalho.

Goro dissera *conversa séria*, e Fumiko tinha achado que isso significava que o encontro seria especial. Então, cheia de expectativas, comprou uma roupa só para a ocasião.

Eles chegaram ao café escolhido e encontraram um aviso na fachada dizendo que estava fechado devido a um imprevisto. Fumiko e Goro ficaram decepcionados. O café teria sido ideal para uma conversa séria, pois cada mesa tinha sua própria cabine privativa.

Sendo obrigados a achar outro lugar adequado, avistaram um pequeno letreiro em uma ruazinha silenciosa, quase um beco. Por ser um café subterrâneo, não tinham como saber como era por dentro, mas Fumiko se sentiu atraída pelo nome, que era o título de uma música que ela cantava na infância, e eles toparam entrar.

Fumiko se arrependeu da decisão assim que deu uma olhada no local. Era ainda menor do que imaginara. O café tinha lugares no balcão e nas mesas, mas, com apenas três assentos no balcão e três mesas para duas pessoas, bastavam nove clientes para lotá-lo.

A não ser que a *conversa séria* que pesava na mente de Fumiko fosse ser sussurrada, ela seria completamente ouvida pelos demais. Outro ponto negativo era que, devido a algumas luminárias, tudo ali parecia sépia... não tinha nada a ver com o gosto dela.

Um lugar para negociações suspeitas...

Foi a primeira impressão que Fumiko teve da atmosfera. Ela se aproximou nervosa da única mesa vazia e se sentou. Havia três outros clientes e uma garçonete.

Na mesa mais distante, uma mulher de vestido branco de mangas curtas lia um livro em silêncio. Na mesa mais próxima da entrada, um homem de aparência comum. Tinha uma revista de viagem aberta sobre a mesa e fazia anotações num minúsculo caderno. A mulher sentada à frente do balcão estava usando uma regata de um vermelho bem vivo e uma legging verde. Tinha um quimono sem mangas pendurado no encosto de seu banco, e

ainda estava com rolos no cabelo. Ela encarou Fumiko rapidamente, abrindo um grande sorriso. Em vários momentos durante a conversa entre Fumiko e Goro, a mulher fez comentários para a garçonete enquanto soltava gargalhadas.



Ao ouvir a explicação de Fumiko uma semana depois, a tal mulher de rolos no cabelo disse apenas:

– Saquei...

Na verdade, não tinha *sacado* nada – estava apenas continuando a conversa com a resposta apropriada. Seu nome era Yaeko Hirai. Cliente do café, ela acabara de completar 30 anos e trabalhava numa lanchonete, ou melhor, administrava um *host club*.^{*} Sempre ia lá tomar uma xícara de café antes do trabalho. Estava com os rolos de novo, mas hoje vestia um top amarelo e decotado, uma minissaia vermelha brilhante e uma legging de um roxo chamativo. Hirai estava sentada de pernas cruzadas no banco do balcão enquanto escutava Fumiko.

^{*} Tipo de bar no Japão onde os clientes pagam um preço mais caro pelas bebidas para poder interagir – conversando e flertando, por exemplo – com as mulheres/homens que trabalham no estabelecimento. (N.T.)

– Foi uma semana atrás. Você lembra, né? – disse Fumiko ao se levantar, dirigindo sua atenção para a garçonete atrás do balcão.

– Hum... lembro, sim – respondeu a garçonete, constrangida, sem olhar para Fumiko.

O nome dela era Kazu Tokita. Trabalhava como garçonete e estudava na Universidade de Artes de Tóquio. Tinha um rosto bonitinho, pele clara e olhos puxados em formato de amêndoa, mas suas feições não eram, digamos, memoráveis. Era o tipo de rosto que, quando alguém olhava, fechava os olhos e tentava lembrar o que tinha visto, nada lhe vinha à mente. Em suma, passava despercebida. Não tinha presença. Também não tinha muitos amigos. Não

que ela se preocupasse com isso – Kazu era o tipo de pessoa que achava as relações interpessoais um tanto entediadas.

– E... cadê ele? Onde ele está agora? – perguntou Hirai, brincando com a xícara na mão, sem parecer muito interessada.

– Nos Estados Unidos – informou Fumiko, enchendo as bochechas de ar.

– Então seu namorado escolheu o trabalho. – Hirai tinha o talento de ir direto ao ponto.

– Não, não foi isso! – protestou Fumiko.

– Ora... foi isso, sim. Ele foi para os Estados Unidos ou não foi? – insistiu Hirai, com dificuldade para compreender a história.

– Você não entendeu quando expliquei? – retrucou Fumiko com veemência.

– Que parte?

– Eu queria gritar “não vá”, mas fui orgulhosa demais.

– Poucas mulheres admitiriam isso! – exclamou Hirai ao se recostar com um sorrisinho sarcástico, desequilibrando-se e quase caindo do banco.

Fumiko ignorou a reação de Hirai.

– Você entendeu, né? – disse ela, buscando apoio em Kazu.

Kazu fingiu refletir por um instante.

– Você está dizendo que não queria que ele fosse para os Estados Unidos, não é?

Kazu também costumava ir direto ao ponto.

– Bem, acho que... pois é, eu não queria. Mas...

– É difícil te entender – disse Hirai jovialmente, após ver que Fumiko não estava conseguindo ser clara.

Se Hirai estivesse no lugar de Fumiko, ela simplesmente teria desatado a chorar. “*Não vá!*”, teria gritado. É óbvio que seriam lágrimas de crocodilo. Lágrimas são uma arma para as mulheres – essa era a filosofia de Hirai.

Fumiko se virou para Kazu. Seus olhos brilhavam.

– Enfim, eu preciso que você me transporte para aquele dia... aquele de uma semana atrás! – implorou ela com o rosto bem sério.

Hirai foi a primeira a reagir à loucura do pedido para ser transportada para uma semana atrás:

– Ela está falando sobre voltar no tempo?! – disse Hirai, de sobrancelhas erguidas e olhando para Kazu.

Parecendo constrangida, Kazu simplesmente murmurou:

– Tá...

E não acrescentou mais nada.

Vários anos haviam se passado desde a época em que o lugar se tornara famoso devido a uma lenda urbana que alegava que era capaz de fazer as pessoas viajarem no tempo. Sem interesse algum por esse tipo de coisa, Fumiko deixara a informação se esvaecer de sua memória. Tinha ido ao café uma semana atrás por puro acaso. Ontem à noite, contudo, assistindo a um programa de variedades na tevê... Na abertura, o apresentador falou de “lendas urbanas”, e, como se um raio tivesse caído na sua cabeça, ela recordou do café. *O café que faz a pessoa viajar no tempo.* Era uma vaga recordação, mas ela se lembrou dessa frase com clareza.

Se eu voltar para o passado, talvez eu consiga corrigir as coisas. Talvez eu possa conversar com Goro outra vez. Repetiu mentalmente seu extravagante desejo várias vezes. Ficou obcecada por ele e terminou perdendo o bom senso.

Na manhã seguinte, foi para o trabalho, esquecendo-se completamente de tomar o café da manhã. Mas sua mente não estava no trabalho. Ficou sentada, obcecada com o passar das horas. *Eu quero ter certeza, só isso.* Assim que pudesse, ela tentaria descobrir se aquilo era de fato possível. Seu dia no trabalho foi uma longa sucessão de erros por total descuido. A atenção estava tão instável que um colega perguntou se ela estava bem. No fim do dia, a cabeça já se encontrava totalmente nas nuvens.

De metrô, demorou trinta minutos para ir da empresa ao café. Foi praticamente correndo da saída da estação até lá. Após entrar um tanto ofegante, aproximou-se de Kazu.

– Por favor, me faça voltar no tempo! – implorou antes mesmo que Kazu pudesse terminar de dizer *Olá, seja bem-vinda.*

Manteve o entusiasmo até terminar a explicação. Mas agora, ao ver a reação das duas mulheres, acabou ficando constrangida.

Hirai continuou encarando-a com um sorrisinho, enquanto Kazu se mantinha inexpressiva e evitava qualquer tipo de contato visual.

Se fosse realmente possível viajar no tempo, acho que aqui estaria lotado de gente, pensou Fumiko. Mas as únicas pessoas no café eram a mulher de vestido branco, o homem com sua revista de viagem, Hirai e Kazu – os mesmos rostos que estavam lá uma semana atrás.

– É possível voltar, né? – perguntou ela, ansiosa.

Talvez tivesse sido prudente começar com essa pergunta. Mas não adiantava nada perceber isso só agora.

– Bem, é ou não? – insistiu ela, encarando Kazu do outro lado do balcão.

– Hum. Bem... – respondeu Kazu.

Os olhos de Fumiko brilharam outra vez. Ela não tinha escutado um *não*. Então, começou a ser tomada pela empolgação.

– Por favor, me faça voltar! – implorou com tanta intensidade que parecia que ia saltar por cima do balcão.

– Você quer voltar pra fazer o quê? – perguntou Hirai com tranquilidade, entre os goles em seu café morno.

– Eu queria me redimir – explicou, com o rosto sério.

– Saquei... – disse Hirai dando de ombros.

– Por favor! – exclamou, e suas palavras reverberaram pelo café.

Fazia muito pouco tempo que a ideia de se casar com Goro lhe ocorrera. Completaria 28 anos naquele ano, e os pais, que moravam em Hakodate, em inúmeras ocasiões haviam perguntado: “*Não está pensando em se casar? Ainda não conheceu nenhum rapaz agradável?*”, e coisas do tipo. A insistência de seus pais tinha se intensificado desde o ano passado, quando a irmã de 25 anos se casou. Agora chegara a ponto de receber e-mails semanais. Além da irmã mais nova, Fumiko tinha um irmão de 23 anos. Ele se casara com uma moça da cidade natal deles após uma gravidez inesperada, deixando apenas Fumiko solteira.

Fumiko não sentia pressa alguma, mas a cabeça mudou um pouco após o casamento da irmã caçula. Ela começara a pensar que talvez fosse aceitável se casar, se fosse com Goro.

Hirai tirou um cigarro de sua bolsa de oncinha.

– Talvez seja melhor explicar direito para ela, não acha? – disse a Kazu de um jeito pragmático enquanto se animava.

– Acho que sim – respondeu Kazu com voz inexpressiva enquanto dava a volta no balcão e parava na frente de Fumiko.

Encarou-a com uma leve ternura nos olhos, como se estivesse consolando uma criança aos prantos.

– Olha só. Quero que me escute com cuidado, ok?

– Claro – disse Fumiko, e seu corpo ficou tenso.

– Você pode voltar no tempo. É verdade, pode voltar, mas...

– Mas...?

– Quando você voltar, por mais que tente, o presente não vai mudar.

O presente não vai mudar. Fumiko estava totalmente despreparada para ouvir isso e não conseguiu entender.

– Hã? – estranhou ela em voz alta, sem pensar.

Kazu continuou:

– Mesmo que você volte para o passado e conte a seu... hum, namorado que foi para os Estados Unidos o que você sente... – disse com a maior calma do mundo.

– Mesmo que eu conte o que sinto?

– O presente não vai mudar...

– Como assim?

Em desespero, Fumiko cobriu os ouvidos.

Mas Kazu prosseguiu com serenidade e disse as palavras que Fumiko menos queria ouvir:

– O fato de que ele foi para os Estados Unidos.

Uma sensação de tremor se espalhou pelo corpo inteiro de Fumiko.

No entanto, com uma aparente despreocupação com os sentimentos dela, Kazu continuou a explicação:

– Mesmo que você volte para o passado, revele seus sentimentos e peça para ele não ir, o presente não vai mudar.

Fumiko reagiu impulsivamente às palavras frias e duras de Kazu:

– Então não vai adiantar porcaria nenhuma, não acha? – disse ela, num tom provocador.

– Calma... não é culpa dela – esclareceu Hirai e deu uma tragada no cigarro, parecendo nada surpresa com a reação de Fumiko.

– Por quê? – perguntou Fumiko, os olhos implorando por respostas. – Eu não entendo...

– Por quê? Eu vou te contar por que é assim – começou Kazu. – Porque é a regra.

Em qualquer filme ou livro sobre viagem no tempo, parece haver uma espécie de regra que diz *Não se meta com nada que vá mudar o presente*. Por exemplo, voltar no tempo e tentar impedir que seus pais se casassem ou se conhecessem apagaria as circunstâncias do seu nascimento e faria o seu eu atual desaparecer.

Costumava ser assim na maioria das histórias de viagem no tempo que Fumiko conhecia, então ela acreditou na regra: *Se você muda o passado, o*

presente de fato *muda também*. Assim, ela queria voltar no tempo e ter uma chance de fazer tudo de outro jeito. Infelizmente, um sonho que não se concretizaria.

Ela queria uma explicação convincente para a existência da abominável regra de que *nada do que você fizer no passado poderá alterar o presente*. A única explicação que Kazu pôde dar foi: *Porque é a regra*. Será que ela não estava deixando de contar o motivo só para brincar com Fumiko? Ou talvez fosse um conceito difícil demais de ser explicado. Ou, de repente, ela própria também não entendesse o motivo, como sua fisionomia, que expressava naturalidade, aparentava sugerir.

Hirai parecia estar se divertindo com a expressão de Fumiko.

– Que azar, hein – disse ela, expirando a fumaça com um nítido prazer.

Havia pensado nessa frase quando Fumiko começou a se explicar e estava esperando para dizê-la desde então.

– Mas... por quê?

Fumiko sentiu sua energia se esvaindo.

Enquanto deixava o corpo se curvar pesadamente, uma lembrança vívida logo lhe veio à mente. Ela já havia lido uma matéria sobre aquele café numa revista. Intitulava-se: “Desvendando o enigma por trás do ‘Café da Viagem no Tempo’, célebre devido a uma lenda urbana”. Em linhas gerais, o texto dizia o seguinte: o nome do café era Funiculì Funiculà. Havia se tornado famoso, com longas filas todos os dias, devido a tal viagem no tempo. Porém, não era possível encontrar ninguém que realmente tivesse voltado no tempo por causa das regras extremamente irritantes que tinham de ser seguidas.

A primeira era: *Você só pode encontrar no passado pessoas que já estiveram no café*. Assim, o propósito de viajar no tempo costumava ser frustrante. Outra regra era: *Você não pode fazer nada no passado para mudar o presente*. Perguntaram aos funcionários do café o porquê dessa regra, mas eles disseram que não sabiam.

Como o autor da matéria não conseguiu encontrar ninguém que realmente tivesse visitado o passado, continuava sendo um mistério se era possível ou não voltar no tempo. Mesmo supondo que fosse possível, o impasse de não poder mudar o presente certamente tornava toda a ideia inútil.

O texto terminava dizendo que a lenda urbana era mesmo interessante, mas que era difícil entender as origens e os propósitos. Como pós-escrito, a

matéria também mencionava que, aparentemente, havia outras regras que precisavam ser seguidas, mas que elas não tinham ficado muito claras.

Fumiko voltou a prestar atenção no café. Hirai se sentou na frente dela, à mesa, e, alegremente, continuou explicando as outras regras. Com a cabeça e os ombros ainda esparramados na mesa, Fumiko fixou o olhar no pote de açúcar, perguntando-se por que o café não usava açúcar em cubos, e ficou escutando em silêncio.

– Tem mais regras. É somente uma cadeira que permite a viagem no tempo, tá? E, enquanto estiver no passado, você não pode sair dela – disse Hirai. – O que mais, hein? – perguntou para Kazu, contando nos dedos até o número cinco.

– Tem um limite de tempo – respondeu Kazu, encarando pensativa o copo que estava secando com um paninho.

A informação veio como uma mera reflexão, como se Kazu estivesse falando sozinha.

Fumiko ergueu a cabeça, reagindo à novidade:

– Limite de tempo?!

Kazu abriu um discreto sorriso e fez que sim.

Hirai bateu a mão na mesa.

– Francamente, só de ouvir essas regras, quase todos desistem de voltar ao passado – contou, aparentemente se divertindo. E ela estava de fato sentindo um enorme prazer enquanto observava Fumiko. – Faz muito tempo que não vemos uma cliente como você, alguém obcecado com a ideia de voltar para o passado.

– Hirai... – repreendeu-a Kazu com aspereza.

– A vida não vem servida numa bandeja. Por que você não desiste de uma vez? – perguntou Hirai bruscamente, parecendo preparada para continuar falando.

– Hirai... – repetiu Kazu, agora com mais ênfase ainda.

– ã-ã. Não mesmo. Não é melhor deixar logo tudo bem claro? – disse Hirai e soltou uma ruidosa gargalhada.

Aquelas palavras foram demais para Fumiko. Sua força se esvaiu do corpo, e mais uma vez ela se prostrou e desabou sobre a mesa.

Então, do outro lado do café...

– Eu queria um refil, por favor – pediu o homem sentado à mesa que ficava mais próxima da entrada, com a revista de viagem aberta a sua frente.

– Pode deixar – respondeu Kazu.

DING-DONG

Uma mulher tinha entrado no café sozinha. Estava de cardigã bege por cima de um vestido chemise azul-claro, tênis carmim e trazia uma bolsa branca de tecido. Os olhos eram redondos e brilhavam como os de uma menininha.

– Olá. – A voz de Kazu ressoou pelo café.

– Oi, Kazu.

– Oi, maninha!

Kazu chamou a mulher de “maninha”, mas na verdade era Kei Tokita, esposa do primo de Kazu.

– Pelo jeito, já deu para as cerejeiras – comentou Kei, parecendo não lamentar o fim da floração.

– Pois é, as árvores estão bem nuas.

O tom de voz de Kazu era educado, mas não era o mesmo tom polido e formal que adotara ao falar com Fumiko. Agora, sua voz parecia mais suave, como o canto de uma ave.

– Boa noite – disse Hirai enquanto ia da cadeira da mesa de Fumiko ao balcão, aparentando ter perdido o interesse em rir do infortúnio da moça. – Onde você estava?

– No hospital.

– Foi fazer o quê, lá? Só exames de rotina?

– Isso.

– Está um pouco mais corada hoje.

– Pois é, estou me sentindo bem.

Ao olhar para Fumiko ainda prostrada sobre a mesa, Kei inclinou a cabeça com curiosidade. Hirai fez que sim discretamente, então Kei desapareceu atrás do balcão, entrando no cômodo escuro.

DING-DONG

Logo após Kei desaparecer, um homem enorme pôs a cabeça na porta, curvando-se para não batê-la na armação. Vestia uma jaqueta leve por cima do uniforme de chef – camisa branca e calça preta. Um imenso molho de chaves balançava na sua mão direita. Era Nagare Tokita, o proprietário.

– Boa noite – cumprimentou-o Kazu.

Nagare assentiu e desviou o olhar para o homem com a revista sentado à mesa mais próxima da entrada.

Kazu entrou na cozinha a fim de pegar um refil para a xícara vazia que Hirai segurava no ar e em silêncio, enquanto Hirai, apoiando um cotovelo no balcão, observava Nagare sem dizer nada.

Nagare estava parado na frente do homem absorto em sua revista.

– Fusagi – disse baixinho.

Por um instante, o homem chamado Fusagi não reagiu, como se não tivesse percebido que tinham dito o seu nome. Em seguida, ele bem lentamente olhou para cima.

Nagare fez que sim educadamente.

– Olá.

– Ah, oi – devolveu Fusagi, inexpressivo, e na mesma hora voltou a prestar atenção na revista.

Por um instante, Nagare continuou parado, encarando-o.

– Kazu – ele chamou em direção à cozinha.

Kazu pôs a cabeça para fora da cozinha.

– O que foi?

– Ligue para Kohtake pra mim, por favor.

O pedido deixou Kazu confusa por alguns segundos.

– Ligue, ela está procurando... – disse Nagare enquanto se virava para Fusagi outra vez.

Kazu, enfim, entendeu o enigmático recado.

– Ah... tá bem – respondeu ela.

Após encher a xícara de Hirai, Kazu entrou no cômodo dos fundos para dar o telefonema.

Nagare olhou de esguelha para Fumiko, prostrada sobre a mesa, enquanto ia para trás do balcão e pegava um copo na prateleira. Tirou uma caixa de suco de laranja da geladeira debaixo do balcão, encheu o copo despreocupadamente e bebeu tudo.

Então, levou o copo até a cozinha para lavá-lo. Um instante depois, ouviu o som de unhas tamborilando sobre o balcão.

Ele pôs a cabeça para fora da cozinha a fim de ver o que estava acontecendo.

Hirai fez um discreto gesto para chamá-lo. Com as mãos pingando, aproximou-se silenciosamente. Ela se inclinou um pouco por cima do balcão.

– Como foi? – Hirai sussurrou para ele, que procurava o papel-toalha.

– Hum... – murmurou Nagare, ambigualmente.

Talvez fosse uma resposta à pergunta, ou talvez fosse apenas um grunhido frustrado enquanto procurava o fugidio papel-toalha. Hirai falou ainda mais baixo:

– E os resultados do exame?

Sem responder, Nagare apenas coçou rapidamente o topo do nariz.

– Foram ruins? – insistiu Hirai mais soturnamente, mas a expressão de Nagare não mudou.

– Depois que os resultados saíram, eles decidiram que ela não precisa ser hospitalizada – explicou ciciando bem baixinho, quase como se estivesse falando consigo mesmo.

Hirai suspirou levemente.

– Entendi... – disse ela, e olhou para o cômodo dos fundos, onde Kei estava.

Kei nascera com o coração fraco. Ao longo da vida, viveu pelos hospitais. No entanto, como tinha sido abençoada com um jeito afável e despreocupado, ela sempre conseguia sorrir, mesmo que sua condição tivesse piorado. Hirai conhecia muito bem essa característica dela. Por isso conferiu com Nagare.

Nagare finalmente encontrou o papel-toalha e estava enxugando as mãos.

– E você, Hirai? Como vão as coisas?

Hirai não sabia a que coisas Nagare estava se referindo. Ela arregalou os olhos.

– Como assim?

– Sua irmã tem vindo encontrá-la com mais frequência, não é?

– Ah... Parece que sim – respondeu Hirai enquanto dava uma olhada ao redor.

– Seus pais administram um hotel, não é?

– Isso, exatamente.

Nagare não sabia muitos detalhes, mas tinha escutado que, após Hirai sair da casa de sua família, a irmã tinha assumido a gerência do empreendimento.

– Deve ser difícil para a sua irmã tocar tudo sozinha.

– Que nada, ela tá se virando bem. Minha irmã tem uma cabeça boa para lidar com esse tipo de trabalho.

– Mesmo assim...

– Já passou tempo demais. Eu não posso mais voltar pra casa – retrucou Hirai.

Ela tirou um porta-moedas imenso da bolsa de oncinha. Era tão grande que mais parecia um minidicionário. Enquanto remexia dentro dele, as moedas tiniam.

– Por que não?

– Mesmo que eu voltasse para casa, eu não ajudaria em nada – explicou, inclinando a cabeça com um sorriso amarelo.

– Mas...

– Enfim, obrigada pelo café. Preciso ir embora – disse ela, interrompendo Nagare.

Pôs o dinheiro do café no balcão, levantou-se e saiu como se estivesse fugindo da conversa.

DING-DONG

Enquanto pegava as moedas que Hirai deixara, Nagare olhou para Fumiko encurvada sobre a mesa. Foi apenas uma olhadela, contudo. Ele não parecia muito interessado em saber quem era aquela mulher com o rosto no tampo. Pegou as moedas com suas manzorras e balançou-as de uma maneira brincalhona.

– Ei, mano. – O rosto de Kazu apareceu no batente ao passo que ela o chamava do cômodo dos fundos. Chamava Nagare de “mano” apesar de ele ser primo, não irmão.

– O quê.

– Ligação pra você.

Nagare deu uma olhada ao redor.

– Tá bem, estou indo.

Então, pôs as moedas casualmente na mão de Kazu.

– Kohtake avisou que está vindo agorinha – informou Kazu.

Nagare fez que sim ao ouvir a notícia.

– Cuide do salão, pode ser? – pediu ele, desaparecendo no cômodo dos fundos.

– Claro – disse ela.

Porém, as únicas pessoas no café eram a mulher lendo o romance, Fumiko, ainda encurvada sobre a mesa, e Fusagi, que fazia anotações com a revista aberta a sua frente. Após pôr as moedas na caixa registradora, Kazu recolheu a xícara deixada por Hirai. Um dos três antigos relógios de parede bateu cinco vezes, ressoando profundamente.

– Café, por favor.

Fusagi chamou Kazu atrás do balcão, erguendo sua xícara enquanto falava. Até agora não tinha recebido o refil que pedira.

– Ah... é mesmo! – exclamou Kazu ao perceber e foi correndo para a cozinha.

Retornou segurando uma jarra de vidro transparente, cheia de café.



– Ainda assim seria aceitável – murmurou Fumiko.

Enquanto servia o refil para Fusagi, Kazu avistou Fumiko pelo canto do olho, o que atraiu sua atenção.

Fumiko, enfim, se endireitou na cadeira.

– Ainda assim eu topo. Tudo bem se nada mudar. As coisas podem ficar como estão.

Fumiko se levantou e foi até Kazu, invadindo um pouco seu espaço. Após pôr a xícara de café com delicadeza na frente de Fusagi, Kazu franziu a testa e deu dois passos para trás.

– Tá... Tá bem – disse ela.

Fumiko se aproximou ainda mais.

– Então me transporte... para uma semana atrás!

Parecia que suas dúvidas tinham desaparecido. Não havia mais nenhum sinal de incerteza nas suas palavras. Na verdade, parecia haver apenas entusiasmo com a oportunidade de voltar para o passado. Suas narinas se alargaram de empolgação.

– Hum... mas...

Sentindo-se desconfortável com aquela atitude opressora de Fumiko, Kazu deu a volta nela e retornou para trás do balcão, como se procurasse um refúgio.

– Tem mais uma regra importante – avisou ela.

Ao ouvir essas palavras, as sobrancelhas de Fumiko ergueram-se consideravelmente.

– O quê? Mais regras?

– Vamos lá: você só pode encontrar no passado pessoas que já estiveram aqui neste café. O presente não pode mudar. Somente uma cadeira pode levá-la ao passado, e você não pode sair dela. E também há algo sobre o limite de tempo.

Enquanto Kazu listava cada regra, Fumiko contava nos dedos e se enraivecia cada vez mais, apenas por recapitular.

– E é a mais problemática.

Fumiko já estava extremamente irritada com as regras que sabia. Descobrir que havia uma adicional, *a mais problemática*, ameaçou partir seu coração ao meio. No entanto, ela mordeu o lábio e fez que sim para Kazu, como se para enfatizar sua determinação.

– Se é assim, tudo bem. Que seja. Vamos, pode me dizer – falou ela, cruzando os braços.

Kazu puxou o ar como se quisesse falar “Tá, já vou dizer”, e entrou na cozinha para guardar a jarra de vidro que estava segurando.

Quando ficou sozinha, Fumiko respirou fundo com o intuito de se recompor. Seu objetivo inicial tinha sido voltar ao passado para, de alguma maneira, impedir Goro de ir para os Estados Unidos.

A ideia de impedir a ida dele não soava muito bem, mas se confessasse, “Não quero que você vá”, talvez Goro desistisse de ir. Se as coisas corresse bem, quem sabe eles nunca terminassem o namoro. Fosse como fosse, a razão inicial para querer voltar ao passado tinha sido *para mudar o presente*.

Porém, se não era possível mudar o presente, também não era possível impedir a partida de Goro nem o fim do namoro. De qualquer modo, Fumiko ainda desejava intensamente voltar ao passado – o que ela mais queria era voltar e ver no que daria. Seu objetivo concentrava-se no ato de voltar. Seu coração decidira que queria vivenciar esse fantástico fenômeno.

Ela não sabia se viagem no tempo era algo bom ou ruim. *Deve ser algo bom, e como é que poderia ser algo ruim?*, refletiu consigo. Assim que expirou

profundamente, Kazu voltou. O rosto de Fumiko ficou tenso como um réu aguardando a decisão do tribunal. Kazu estava parada atrás do balcão.

– A pessoa só pode viajar no tempo quando está numa certa cadeira do café – explicou ela de novo.

Fumiko reagiu de imediato.

– Qual? Onde eu preciso me sentar? – perguntou Fumiko e deu uma olhada no café com tanta rapidez que quase fez um som sibilante ao virar a cabeça de um lado para o outro.

Ignorando a reação, Kazu virou o rosto e encarou a mulher de vestido branco.

Fumiko acompanhou seu olhar fixo.

– Ali – apontou Kazu falando baixinho.

– Naquela onde está aquela mulher? – sussurrou Fumiko do outro lado do balcão enquanto mantinha os olhos colados na mulher de vestido.

– Isso – respondeu Kazu simplesmente.

Porém, antes mesmo de terminar de ouvir a curta resposta, Fumiko já estava se aproximando da mulher de vestido branco.

Era uma figura que dava a impressão de que a sorte tinha passado sem percebê-la. A pele branca, quase translúcida, contrastava bastante com os cabelos longos e pretos. Podia ser primavera, mas o clima ainda estava frio demais para se ficar com a pele exposta. Porém, as mangas do vestido eram curtas, e ela não parecia ter trazido um casaco. Fumiko estava com a sensação de que havia algo errado. Mas agora não era o momento de se preocupar com essas coisas.

Fumiko falou com a mulher:

– Hum, com licença, você se incomodaria muito se nós duas trocássemos de lugar? – perguntou ela, contendo a impaciência.

Achou que tinha falado com educação, sem grosseria, mas a mulher de vestido não reagiu. Era como se nem a tivesse escutado. Fumiko se sentiu um pouco incomodada com isso. Raras vezes a pessoa pode estar tão absorta num livro que não escuta as vozes e os sons ao redor. Fumiko presumiu que era esse o caso.

Ela tentou de novo.

– Oi? Está me ouvindo?

Nada.

– Está perdendo tempo.

A voz veio de trás de Fumiko inesperadamente. Era Kazu. Fumiko demorou um instante para entender o que ela queria dizer.

Eu queria apenas que ela me desse o lugar dela. Por que é perda de tempo? É perda de tempo perguntar educadamente? Espera aí. Será que é outra regra? Eu preciso descobrir essa outra regra primeiro? Se for isso, acho que ela poderia me dizer algo mais útil do que “Está perdendo tempo”.

Eram esses os pensamentos que passavam pela sua cabeça. Porém, terminou fazendo uma simples pergunta:

– Por quê? – Fumiko se dirigiu a Kazu com uma expressão de pura inocência infantil.

Kazu olhou-a bem nos olhos.

– Porque ela... é um fantasma – respondeu Kazu de modo assertivo.

Kazu parecia estar mesmo falando muito a sério, como se fosse totalmente verdade.

Mais uma vez, os pensamentos na mente de Fumiko aceleraram. *Fantasma? Um fantasma real, daqueles que gemem e gritam? Que aparecem debaixo de um salgueiro no verão? A moça falou tão naturalmente... de repente eu ouvi errado, não? Mas o que soaria parecido com “é um fantasma”?*

A cabeça de Fumiko estava tomada pelos seus muitos pensamentos confusos.

– Um fantasma?!

– Isso.

– Tá brincando.

– Não, é sério. Ela é um fantasma.

Fumiko ficou perplexa. Alegrou-se por não ter se perguntado muito se fantasmas realmente existiam. Mas não conseguia aceitar a possibilidade de a mulher de vestido ser um fantasma. Ela parecia real demais.

– Mas eu consigo...

– Enxergá-la – concluiu Kazu, como se soubesse o que Fumiko ia dizer.

Fumiko estava confusa.

– Mas...

Sem pensar, ela estendeu, vacilante, a mão na direção do ombro da mulher. Quando estava prestes a tocar o vestido dela, Kazu disse:

– Pode tocar.

Mais uma vez, Kazu já estava com a resposta na ponta da língua. Fumiko pôs a mão no ombro da mulher como se para confirmar que era possível

tocá-la. Ela tinha certeza absoluta de que conseguia sentir o ombro da mulher e o tecido do vestido que cobria sua pele macia. Não conseguia acreditar que era um fantasma.

Ela afastou a mão delicadamente. Depois, encostou-a no ombro da mulher outra vez. Virou-se para Kazu como se quisesse dizer *É óbvio que eu conseguiria tocar nela, que loucura dizer que é um fantasma!*

Mas o rosto de Kazu continuou sereno e circunspecto.

– É um fantasma.

– Sério? Um fantasma?

Fumiko aproximou a cabeça e encarou o rosto da mulher, uma atitude bem grosseira.

– Sim – respondeu Kazu, dando certeza absoluta.

– Não é possível. Não posso acreditar.

Se Fumiko pudesse vê-la, mas não conseguisse tocar nela, até poderia ter aceitado. Mas não era esse o caso. Ela conseguia encostar na mulher. A mulher tinha pernas. Fumiko nunca tinha ouvido falar do título do livro que a mulher estava lendo. Era, contudo, um livro normal, daqueles que se compram em quase qualquer esquina. Assim, Fumiko criou sua própria teoria.

Na verdade, não era possível voltar ao passado. O café não fazia a pessoa viajar no tempo. Era apenas uma tática para atrair gente. Por isso as incontáveis regras irritantes, por exemplo. Eram apenas os primeiros obstáculos para fazer os clientes que queriam voltar para o passado desistirem. Se o cliente passasse por eles, o próximo obstáculo, para quem ainda assim quisesse voltar no tempo, era esse. Eles mencionavam um fantasma para que a pessoa se assustasse e desistisse da ideia. A mulher de vestido era um mero adorno. Ela estava fingindo ser um fantasma.

Fumiko estava começando a se sentir bem teimosa.

Se é tudo mentira, que seja. Mas não vou ser enganada por essa mentira.

Fumiko falou educadamente com a mulher de vestido.

– Escute, vai ser bem rapidinho. Por favor, não poderia deixar eu me sentar aí no seu lugar?

Mas era como se as palavras nem sequer tivessem chegado aos ouvidos da mulher.

Ela continuou lendo sem a menor reação.

Ser totalmente ignorada assim desanimou Fumiko.

Ela agarrou o braço da mulher.

– Pare! Você não deve fazer isso! – alertou Kazu com a voz alta.

– Ei! Pare de me ignorar! – Fumiko tentou tirar a mulher da cadeira à força.

Foi então que aconteceu... os olhos da mulher se arregalaram e, furiosa, encarou Fumiko.

Fumiko sentiu como se o peso de seu corpo tivesse se multiplicado. Parecia que dezenas de pesados cobertores haviam caído em cima dela. A luz do café transformou-se na penumbra de uma vela. Um uivo bizarro começou a reverberar pelo local.

Ela estava paralisada. Incapaz de mover os músculos, então caiu de joelhos e depois ficou de quatro.

– Arrrh! O que está acontecendo? O que está aconte...?

Ela não fazia ideia do que estava se passando ali. Kazu, com um jeito convencido, do tipo “eu bem que te avisei”, simplesmente a interrompeu e disse:

– Ela amaldiçoou você.

Ao ouvir a palavra *amaldiçoou*, a princípio Fumiko não entendeu.

– Hã? – perguntou ela, grunhindo.

Sem conseguir aguentar a força invisível que parecia se intensificar, agora Fumiko estava deitada com o rosto colado no chão.

– O quê? O que é isso? O que está acontecendo?

– É uma maldição. Você fez o que fez, e ela amaldiçoou você – disse Kazu enquanto voltava para a cozinha, deixando Fumiko esparramada no chão.

Como estava deitada, Fumiko não viu Kazu se afastar, mas seu ouvido pressionado no assoalho escutou claramente o som dos passos ficando distante. O medo de Fumiko era tão intenso que ela ficou toda arrepiada, como se tivessem derramado água gelada no seu corpo inteiro.

– Só pode ser brincadeira, não é possível. Veja só como eu estou! E agora, o que eu faço?

Ninguém respondeu. Fumiko começou a tremer.

A mulher de vestido ainda estava encarando Fumiko com uma expressão aterrorizante. Parecia completamente diferente da mulher que lia seu livro com toda a calma há apenas alguns minutos.

– Me ajude! Por favor, alguém me ajude! – gritou Fumiko para a cozinha.

Kazu voltou lentamente. Fumiko não viu, mas Kazu vinha segurando uma jarra de vidro com café. Fumiko ouviu os passos se aproximando, mas não fazia ideia do que estava acontecendo – primeiro as regras, depois o fantasma, e agora... a maldição. Era tudo extremamente desnorteante.

Kazu nem demonstrara se ia ajudá-la ou não. Fumiko estava prestes a gritar “Socorro!” a plenos pulmões.

Mas bem naquele instante...

– Gostaria de mais um pouco de café? – perguntou Kazu tranquilamente, e Fumiko ouviu.

Fumiko estava irada. Além de ignorá-la em seu momento de total aflição, Kazu não apenas *não* estava ajudando – ela oferecia mais café para a mulher de vestido. Fumiko estava pasma. *Me disseram que ela era um fantasma, e eu errei ao não acreditar. Eu também errei ao agarrar o braço da mulher e tentar puxá-la à força para fora da cadeira. Mas mesmo quando eu gritei “me ajude!” a moça só fez me ignorar, e agora está perguntando na maior tranquilidade para a mulher se ela quer mais café?! Por que um fantasma ia querer tomar mais café?*

– Você só pode estar de brincadeira, né! – disse Fumiko, sem conseguir falar mais nada.

E, sem um pingão de hesitação:

– Sim, por favor – respondeu uma voz estranhamente etérea.

Tinha sido a mulher de vestido que falara. De repente, Fumiko sentiu seu corpo ficar mais leve.

– Aaah...

A maldição tinha acabado. Fumiko, livre e ofegante, ajoelhou-se e fulminou Kazu com o olhar.

Kazu retribuiu o olhar, como se estivesse perguntando *Tem algo a me dizer?*, e deu de ombros com indiferença. A mulher de vestido tomou um gole do café recém-servido e depois voltou a prestar atenção no livro, em silêncio.

Como se nada fora do normal tivesse acontecido, Kazu voltou à cozinha para devolver a jarra. Fumiko estendeu a mão outra vez para tocar o ombro da apavorante mulher. Seus dedos ainda conseguiam senti-la. *A mulher está aqui. Ela existe.*

Incapaz de compreender acontecimentos tão inquietantes, Fumiko estava completamente confusa. Tinha vivenciado tudo aquilo – não duvidava disso. Seu corpo tinha sido empurrado para o chão por uma força invisível. Embora

sua mente não entendesse nada, o coração já analisara a situação o bastante para bombear um oceano de sangue pelo corpo.

Fumiko se levantou e andou até o balcão, sentindo-se tonta. Ao chegar lá, Kazu já tinha voltado da cozinha.

– Ela é mesmo um fantasma? – perguntou Fumiko a Kazu.

– É, sim.

Foi a única resposta de Kazu. Ela começara a encher o pote de açúcar.

Então algo totalmente impossível acabou de acontecer aqui... Fumiko mais uma vez começou a refletir. Se o fantasma... e a maldição... se essas coisas realmente aconteceram, então o que o pessoal diz sobre voltar no tempo também deve ser verdade!

Ter vivenciado a maldição convenceu Fumiko de que *era possível voltar no tempo*. Mas havia um problema.

Era a regra de que, para viajar no tempo, a pessoa tinha de se sentar numa cadeira específica. *No entanto, tem um fantasma sentado na tal cadeira. Que não capta nada do que eu digo. E quando eu tentei me sentar lá à força, me amaldiçoou. O que devo fazer então?*

– Você tem que esperar, só isso – explicou Kazu, como se pudesse ouvir os pensamentos de Fumiko.

– Como assim?

– Todo dia, ela vai ao banheiro uma única vez.

– E fantasma precisa ir ao banheiro?

– Enquanto ela estiver lá, você pode se sentar.

Fumiko olhou bem nos olhos de Kazu e, sutilmente, fez que sim. Parecia ser a única solução. Quanto à pergunta de Fumiko sobre fantasmas usarem o banheiro, Kazu não sabia se era curiosidade genuína ou uma piada, então decidiu ignorá-la com uma expressão impassível.

Fumiko respirou fundo. Um instante atrás, estava desesperada para se salvar. Agora tinha uma nova oportunidade e não abriria mão dela. Certa vez, Fumiko ouviu a velha lenda do milionário da palha de arroz, que fez o máximo com o pouco que tinha. Se ela queria ser como ele, teria de agir da mesma maneira.

– Tá... eu espero. Eu espero!

– Tudo bem, mas você precisa saber que ela não distingue dia de noite.

– Tá. Tudo bem, eu espero – disse Fumiko, disposta a fazer o que fosse preciso. – A que horas vocês fecham?

– O horário normal vai até as 20h. Mas se decidir esperar, você pode ficar o quanto quiser.

– Obrigada!

Fumiko sentou-se à mesa do meio. A cadeira estava virada para a mulher de vestido. Cruzou os braços e respirou fundo pelo nariz.

– Vou pegar o seu lugar! – anunciou ela, olhando zangada para a mulher de vestido, que, como sempre, estava lendo seu livro, absorta.

Kazu soltou um leve suspiro.

DING-DONG

– Olá. Seja bem-vindo! – desejou Kazu com o cumprimento padrão. – Kohtake!

Havia uma mulher parada na porta entreaberta. Parecia ter pouco mais de 40 anos.

Kohtake estava usando um cardigã azul-marinho por cima do uniforme de enfermeira e carregava uma bolsa de ombro lisa. Estava um pouco ofegante, como se tivesse corrido, e pôs a mão no peito como se quisesse acalmar a respiração.

– Obrigada por ter me ligado – agradeceu com rapidez.

Kazu fez que sim sorrindo e entrou na cozinha. Kohtake deu dois ou três passos na direção da mesa mais próxima da entrada e parou ao lado do homem chamado Fusagi. Ele não pareceu percebê-la.

– Fusagi – disse Kohtake com um tom gentil, normalmente usado com crianças.

A princípio, Fusagi não reagiu, como se nem tivesse percebido que tinha sido chamado. Porém, ao notá-la pela sua visão periférica, virou-se para ela com o olhar desfocado.

– Kohtake – murmurou ele.

– Sim. Sou eu – disse Kohtake articulando bem as palavras.

– O que está fazendo aqui?

– Eu tinha um tempinho livre e pensei em tomar um café.

– Ah... entendi – disse Fusagi.

Mais uma vez, ele voltou para sua revista. Kohtake, ainda o olhando, sentou-se casualmente na cadeira do outro lado da mesa. Ele não reagiu a isso e apenas virou a página da revista.

– Eu ouvi falar que você tem vindo muito aqui – disse Kohtake enquanto analisava todos os recantos do café, como um cliente que o visitasse pela primeira vez.

– Pois é – disse Fusagi simplesmente.

– Então você gosta de vir aqui?

– Ah... não tanto – respondeu ele de uma maneira que revelava claramente que gostava sim do lugar, e um discreto sorriso se formou em seus lábios. – Estou esperando – sussurrou.

– Está esperando o quê?

Ele se virou e olhou para a cadeira em que a mulher de vestido estava sentada.

– Ela sair da cadeira – respondeu, com o semblante transparecendo, sem querer, um ânimo infantil.

Fumiko não estava exatamente ouvindo a conversa, mas o café era pequeno.

– Como é que é?! – exclamou Fumiko, surpresa ao descobrir que Fusagi também estava esperando a mulher de vestido ir ao banheiro para poder voltar ao passado.

Ao ouvir a voz de Fumiko, Kohtake virou-se em sua direção, mas Fusagi, ao contrário, nem prestou atenção.

– Está mesmo? – perguntou Kohtake.

– Estou – respondeu Fusagi e não disse mais nada enquanto tomava um gole de café.

Fumiko estava abalada. *Por favor, que ele não seja meu concorrente.*

Afinal... ela percebeu na mesma hora que estaria em desvantagem caso os dois tivessem o mesmo objetivo. Quando ela chegou ao café, Fusagi já estava lá. Como ele chegara primeiro, seria dele a próxima vez. Por uma questão de educação, ela não furaria a fila. A mulher de vestido ia ao banheiro apenas uma vez ao dia. Assim, eles só tinham uma chance por dia de se sentar lá.

Fumiko estava decidida a viajar no tempo imediatamente. Não suportava a ideia de que talvez precisasse esperar mais um dia e não conseguiu disfarçar a inquietação causada pela novidade. Ela então se inclinou para o lado e virou o ouvido para se assegurar de que Fusagi realmente queria voltar ao passado.

– Você conseguiu se sentar lá hoje? – perguntou Kohtake.

– Hoje, não.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Antes Que o Cafe Esfrie"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).